**História de um monge guerreiro.**

Os primeiros meses de minha vida se passaram em uma aldeia de humanos, e apesar de sermos a única família tiefling la, tínhamos uma vida calma, serena, longe de qualquer guerra e cheia de paz. Meu pai era ferreiro, fazia as armas para caça, e minha mãe costureira, costurava as roupas de todos na aldeia... quer dizer, é isso que eu gosto de imaginar pelo menos.

Quando ainda era bebê e não tinha ideia do que era o mundo, um grupo grande de soldados chegou e praticamente tomou conta da cidade. Vieram atrás de suprimentos, casas pra ficar no caminho das viagens que faziam, qualquer tipo de riqueza com a desculpa que era para o rei, e crianças, para treinar a serem soldados numa guerra em que não tínhamos nada relacionado. Mas é claro, eles não iam deixar um bebê tiefling pra trás.

Assim começou meu inferno, fui levado para muito longe ao norte para um centro de treinamento, um lugar onde a única coisa que não estava congelada eram nossos pensamentos, e mesmo assim, por pouco. Foi onde passei quase todos os primeiros 16 anos de minha existência, treinando para ser uma arma numa guerra sem motivo.

O treinamento era em maior parte físico com armaduras pesadas e um estilo bruto, e treinar no frio não é fácil para uma criança, mas não queriam entender isso. Cada vez que errava qualquer coisa, me chicoteavam nas costas, deixando cicatrizes que carrego em minhas costas até hoje. Com elas eu aprendi como qualquer batalha deixa suas marcas.

Havia um humano, idoso e amigável, chamado Senzim, sempre querendo fazer amizade comigo me chamando para beber chá com ele (nessas horas aprendi a fazer um chá muito bom). Mesmo ele nunca tendo compartilhado muito da vida dele, era meu amigo e sabia que era uma boa pessoa, tendo ele me ensinado que havia tanto mais para fora daqueles muros do centro de treinamento, mas não entendia o porquê dele estar ali, pois sempre dizia ter uma família grande em outro lugar. Ele não concordava com o que faziam comigo, todos os guardas me chamavam de tudo imaginado de preconceituoso para um tiefling, as outras crianças só não me chamavam também pois tinham medo de mim, com certo motivo.

Quando tinha 16 anos, exploravam o que podiam de minhas diferenças, queriam piorar meu treino. Tacavam fogo em mim para ver o quanto minha espécie aguentava, atiravam pedras e outras coisas em minha direção no escuro para ver se realmente eu tinha uma visão mais apurada. Aqueles humanos eram horrendos.

Foi nessa época, uma noite em que as lâminas das armas e as armaduras refletiam as infinitas constelações no céu, acordei com barulhos altos de explosões, cheiro de fumaça, pessoas gritando, espadas brandindo... estávamos sendo atacados. Antes que pudesse fazer qualquer coisa, Senzim me para, diz para segui-lo e me puxa.

Saímos correndo em meio ao caos, apesar de ter sido treinado para guerra, naquele momento não conseguia lutar, não estava pronto para algo que me preparam a vida inteira. Na saída do centro, lanças e flechas cravam na neve a nossa volta, em meio aos gritos ouço meu amigo falando, com uma calmaria quase impossível de acreditar que alguém em um momento como aquele poderia ter, para não parar de correr. Em um último olhar para trás, pareceu que o vi entrar na sombra aos seus pés.

Aquela noite estrelada havia desaparecido nas cinzas e fumaça que voavam pelo céu se estendendo pelo chão. O vento frio, a neve, a dor nas pernas, tudo me segurava. Corri e corri, o bastante para o lugar infernal que vivi praticamente minha vida toda estivesse tão longe que nem a luz de suas chamas pudesse ser mais vista. Não aguentei e desmaiei.

Acordei e vi um teto de madeira, o lugar era quente, estava confortável como nunca havia ficado antes. Ao levantar, estava cercado de monges, os mesmos dos registros nas aulas do centro, diziam para nunca enfrentar sozinho um deles corpo a corpo, pois seria morte certa. É claro, achei que ali seria meu fim, mas na verdade, nesse dia a minha vida ganhou todo um novo rumo.

Eles me explicaram muito, acontece que meu amigo Senzim era o monge ancião daquele monastério, ele estava lá quando invadiram minha aldeia, infiltrado no exército justamente pra tentar salvar as crianças que eram levadas, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa para me ajudar o ataque ocorreu, e não se tinha notícias dele desde então.

Eu adorei o monastério, era um total oposto do centro de treinamento do exército, o lugar virou minha casa, cuidaram de mim e me treinaram para ser um deles, controlado em paz com o mundo e comigo mesmo. Apesar do ancião não estar conosco, fizeram o melhor para eu ter o máximo possível de conhecimento. Treinava com roupas comuns de monge para o frio que sempre assolava aquele lugar, e era um treino intenso, mas ao mesmo tempo revigorante para meu corpo e alma, e acabou que fiquei lá para me tornar um deles.

Anos se passaram, com o tempo de tornei um monge por completo, adquiri conhecimento que nunca achei que teria e ainda havia tanto a aprender, mas sabia que o que fosse, dali pra frente precisava ir sozinho e encontrar meu caminho, continuar treinando por minha conta também. Não queriam deixar, afinal um monge normalmente fica no monastério, mas meus professores sabiam: eu tinha que achar meu rumo, nem que precisasse voltar depois. Então saí a procura de minha antiga aldeia, sabia mais ou menos onde achá-la, pois Senzim informava ao monastério todos seus passos quando estava no exército infiltrado e ainda se tinha notícias dele.

Depois de tanto viajar, de tanto me preparar para conhecer onde nasci, onde deveria ter crescido, conhecer meus pais e finalmente ver como é ter uma vida normal... meu caminho me levou a algo muito pior.

Ruínas, casas queimadas há muito tempo, destroços de carroças, tudo abandonado ou destruído, não sobrou nada, apenas nítidas marcas de batalha. Um confronto atingiu lá, esqueletos de soldados ainda com armaduras por todos os lados, lanças e espadas espalhadas ao redor. Havia estudado guerras por tanto tempo, mas ali foi o limite, naquele momento que uma chama de raiva surgiu, um objetivo. Decidi que nunca apoiaria uma guerra em qualquer modo e que farei literalmente de tudo para evitá-las, e continuo treinando e viajando até hoje para ficar mais forte e tornar isso possível, não importa o preço.

